

UMA VISÃO DE MUDANÇA LINGÜÍSTICA QUANDO TUDO ERA CHAMADO DE BARBARISMO

Cristina Brito

As línguas, em geral, resultam de uma complexa evolução histórica que se caracterizam formalmente no tempo e no espaço, a partir de um feixe de tendências que de modo diverso efetuam-se aqui e ali. Deste modo, o acúmulo e a completa realização das tendências dependem de condições sociológicas, pois a estrutura da sociedade é que determinará o processo de mudança, se esta ocorrerá de modo lento ou acelerado.

Outro ponto a ser observado é que o lado individual e o social invariavelmente interpenetram-se. Assim, as palavras pronunciadas por um só indivíduo, em geral, não sobrevivem, porém as palavras só fazem história quando há frequência na coletividade.

Outra característica fundamental da língua é a sua capacidade de mudar sem cessar, já que a língua que não muda é irreal, além dela não poder ser isolada de fatores externos os quais constituem a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes - a língua realiza-se de fato no falar. Assim a língua muda exatamente para continuar funcionando [o latim de Cícero deixou de funcionar como língua histórica justamente porque deixou de mudar, e, por isso, neste sentido é uma “língua morta”].

Para Saussure a língua é um produto que o indivíduo registra passivamente, também ela se impõe, mas por si só o indivíduo não pode nem criá-la nem transformá-la.

Sabemos que a língua muda porque não está pronta, ou, em outras palavras, não está perfeita, no sentido etimológico do termo, mas, sim, faz-se continuamente pela atividade lingüística.

Porém tal atividade mantém-se em grande parte dentro do que é permitido pela língua, isto é, pela tradição lingüística, agora, no instante em que pratica a seleção, o falante provoca uma modificação do equilíbrio da língua, fato verificado no falar.

Do ponto de vista cultural, as mudanças manifestam-se na sincronia em formas esporádicas, inicialmente vistas como erros correntes em relação à norma estabelecida. Assim aquilo que do ponto de vista diacrônico já é mudança, do ponto de vista de um estado da língua é condição de mudança.

Desta forma tornam-se condições favoráveis à mudança: a variedade regional ou social da língua; período de decadência cultural ou grupos sociais de cultura reduzida.

Também sabemos que as mudanças em geral procedem de comunidades que conhecem imperfeitamente a norma da língua e, por sua vez, difundem-se em períodos nos quais a cultura apresenta-se em franca decadência, perdendo prestígio quer político quer econômico.

A norma, em língua, é resultado de um conjunto de hábitos lingüísticos em vigor no lugar. Pois a norma é a realização coletiva do sistema; [a pronúncia do fonema /t/, por exemplo, antes do /i/, em termos de sistema tanto pode ser africada ou não; mas, por exemplo, a norma carioca não aceita /ti/, enquanto a gaúcha, provavelmente, não aceita o /tchi/], assim, a norma procura limitar e comprimir as possibilidades oferecidas pelo sistema.

Inúmeros indícios levam à mudança na língua. Desta forma, primeiramente, há traços lingüísticos que divergem da norma e aparecem de modo sistemático dentro de um discurso individual. Do ponto de vista da correção, esses traços idioletais constituem erros individuais. Agora, também sabemos que nem sempre eles são exclusivamente individuais, porque as tendências que os criam podem atuar em maior ou menor número de indivíduos; paralelamente, não podemos esquecer que a língua não comporta erros, uma vez que o conceito de certo e errado resulta de convenções sociais.

Em segundo lugar, outra forma de ver esses traços lingüísticos é quando presentes no uso da língua em classes populares divergindo da norma culta, sendo considerado erro dentro do conceito de correção na visão da convenção social.

Assim o vulgarismo caracteriza-se basicamente por categorizar socialmente o indivíduo ou grupo, isto ocorre no instante em que se contraria o ideal de língua culta, confirmado a partir da incultura e nível intelectual baixo.

A escola procura incessantemente combater os vulgarismos, embora, lingüisticamente, saibamos, muitas vezes, que eles podem ser sintomas de mudanças.

Como terceiro ponto, temos a variação, que é uma consequência do fato de a língua não ser idêntica em suas formas em virtude da diversidade do discurso, assim, a variação livre decorre inúmeras vezes da própria

impossibilidade de repetir uma forma do mesmo modo, levando a uma identificação total de realização entre todos os falantes; ou variação estilística quando há a intenção de apelo e de manifestação psíquica.

Em quarto lugar, temos traços lingüísticos diversos dos do sistema tradicional, caracterizando os empréstimos que acontecem em função do contato entre povos de línguas diversas. Ocorrem com mais frequência entre os lexicográficos, onde, muitas vezes, o radical adapta-se às características da língua: fonológica, morfológica.

O empréstimo não deixa de ser um tipo de mudança, diferente do que resulta da evolução que a língua sofre no curso de sua história interna.

O empréstimo opõe-se à evolução porque ele não deixa de ser uma mudança oriunda da adoção de elementos provenientes de outra língua, mas também pode ocorrer internamente quando acontece dentro da própria língua, nos vários níveis que ela apresenta: escrita literária, rústica, dialetal, gíria.

Na visão saussureana, a língua não se impõe ao falante, antes se lhe oferece; em conseqüência o falante dispõe dela para realizar com certa liberdade a sua expressividade. Também é certo que a língua não tem finalidade em si mesma, tem, sim, a função de expressar a cultura, permitindo a comunicação social.

Desta forma, verificamos que os tradicionalmente chamados vícios de linguagem são considerados erros em relação à norma culta.

Portanto o barbarismo é visto como um erro que se pode apresentar na pronúncia, na grafia, na forma gramatical ou na significação. O termo barbarismo procede do costume que os Gregos e Romanos tinham de chamar bárbaros os estrangeiros, os que falavam mal, segundo seu critério, por falarem língua estrangeira.

Ou ainda, o termo já foi empregado por referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptarem ao seu idioma palavras e expressões de outra língua. João de Barros afirma que em nenhuma parte comete-se mais erros, ou melhor, a figura do barbarismo, do que aqui (Brasil), em face das muitas nações trazidas para cá; ainda afirma que por não poderem formar a própria linguagem, as nações de África, Ásia, Brasil e Guiné barbarizam sempre que tentam imitar a nossa linguagem (Portugal).

Em edições do século XVIII das gramáticas de João de Barros e Pedro José Fonseca, encontramos elencada uma série de vícios como barbarismos:

1. acréscimo inicial de vogal a em até qui por té qui ;
2. corte inicial de sílaba em determinar por terminar;
3. corte no meio da palavra de letra ou sílaba como viço por vício;
4. troca de ordem das letras como apretar por apertar ou letra por lêtera;
5. termo que por motivos antigos, novos ou estranhos só pode ser entendido por pequeno número de pessoas;
6. termos tomados do Latim, do Italiano, do Francês ou de alguma outra língua estranha;

Dos casos apresentados o acréscimo em até, hoje, verifica-se o retorno da preposição antiga e popular inté com o significado de até qualquer hora, dia... [Inté mais]

No segundo caso visto apenas com a queda da sílaba inicial, hoje, rende-nos dois vocábulos com significados bem distintos, onde determinar assume o significado de [marcar o termo, delimitar, fixar, definir] enquanto que terminar [fim, limite].

Em relação ao corte no meio da palavra, a palavra viço é uma forma divergente popular de vício e até o século XV, o viço e vício eram usados, indiferentemente, nas duas acepções “vigor” e “defeito de caráter”. Porém a partir daí os conceitos definiram-se de modo mais claro, onde “viço” assumiu a primeira acepção (vigor) e “vício” a segunda (defeito de caráter); ou ainda o caso da palavra letra, em que o barbarismo, de então, é hoje a forma culta em uso.

Um outro exemplo que aqui se enquadra é a oscilação ao longo do tempo da palavra registro / registo. A forma registro é antiga e com amplo uso no português do Brasil, enquanto que em Portugal seu uso é restrito, sendo o termo registo que tem franco uso em além-mar.

Entretanto, tanto lá como cá, as entradas nos dicionários são basicamente as mesmas: transcrever, inscrever ou lançar em livro especial; contudo no Dicionário do Aurélio aparece o sentido de chave de torneira ou outro aparelho que regula a passagem de fluido.

Assim, o que se observa com a palavra é que em textos do século XIII (1223 e 1279) a forma usualmente encontrada é *registro*; posteriormente no século XIV (1381) o termo então assinalado é *registro*; durante o século XV permanece a forma *registar* com a síncope do /r/ no meio da sílaba.

Quanto à troca de ordem, hoje, encontramos muitas vezes a forma *sastifação* por *satisfação* ou ainda a forma *fruto* de possível hipercorreção *sastisfação*.

Também os termos compreendidos apenas por determinados grupos são classificados como barbarismos, e deste modo como classificariam o vocabulário peculiar a algumas profissões, grupos de jovens ou os internautas? Estes sem sombra de dúvida seriam classificados como os “bárbaros” que barbarizam as línguas em geral.

E por fim os termos tomados, isto é, os empréstimos, considerados como “bárbaros”, enquanto o uso não os houver naturalizado (e nós não deixamos de falar o latim vulgar).

Um outro vício apontado e passível de ser cometido é o que ocorre na construção e na ordem das partes das palavras quando usados de forma isolada do modo comum de falar.

Enquanto alguns fatos apontados como erros para nós hoje representam sintomas de mudanças, outros, entretanto, permanecem com as mesmas características de vícios inaceitáveis e cometidos com frequência tanto na língua oral como na escrita.

Por exemplo, João de Barros apresenta um outro caso de vício causado pelo “mau som” provocando algum significado torpe como: *colhões tamanhos tem aquela lebre por que olhões...* ou hoje, *porrazões* diversas tudo continua por por razões

Ainda faz referência ao vício de palavras como: *olhou-me com os seus olhos, falou-me com a sua boca porque ninguém pode falar senão por boca própria e olhar senão pelos olhos; ou com frequência hoje: subir pra cima, descer pra baixo, entrar pra dentro.*

Tais impropriedades gramaticais cometidas em textos quer orais quer escritos por alunos, candidatos a diversos concursos, quer na fala diária de vários segmentos da sociedade continuam vícios inaceitáveis apesar do tempo, provando aqui que não são sintomas de mudanças, mas desconhecimento das normas gramaticais.

Assim o que se constata é que alguns dos erros apontados em certos períodos, para nós hoje, representam sintomas de mudanças em curso, outros, entretanto, permanecem, apesar do tempo, com as mesmas características de vícios inaceitáveis e cometidos com frequência não só na língua oral como na escrita.

Deixaram de ser todos barbarismos, mas continuam sendo todos considerados vícios de linguagem?

Desta forma verificando a seqüência: traço idioletal – erros – divergência da norma – adoção por interlocutores – inovação – mudança lingüística / leva-nos a constatar que tais traços originam-se nos diálogos, nos modos lingüísticos de falar de um interlocutor ao saber de outro. Em conseqüência, pode acontecer a generalização de uma inovação e no caso de ocorrerem adoções sucessivas (repetição, passagem de um para outro) pode-se concluir que o que está acontecendo é um processo de mudança lingüística, já que, bem sabemos, uma mudança começa a desenvolver-se como um deslocamento de norma.